ISSN: 2358-8829

NARRATIVAS INDÍGENAS SOBRE SUICÍDIO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Júlia Nare de Oliveira Andrade [1]

INTRODUÇÃO

O suicídio entre povos indígenas constitui uma questão complexa de saúde pública, cuja compreensão exige considerar fatores sociais, históricos, políticos, econômicos, psicológicos e culturais. Haja vista que a diversidade dos povos originários brasileiros, expressa em diferentes línguas, tradições, formas de organização social e cosmologias, impondo a necessidade de políticas públicas e práticas de saúde que respeitem as especificidades de cada comunidade. Nesse sentido, as abordagens generalizantes podem obscurecer os sentidos atribuídos ao sofrimento, à morte e às relações comunitárias em diferentes contextos indígenas.

Assim sendo, a organização da atenção à saúde indígena no Brasil inclui o Subsistema de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, instituído pela Lei nº 9.836/1999, conhecida como Lei Arouca. E sua estrutura contempla os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), organizados para considerar aspectos geográficos, demográficos e culturais de cada comunidade. A participação delas no planejamento e no controle dos serviços é fundamental para fortalecer a autodeterminação e a adequação das ações de saúde (PONTES; MACHADO; SANTOS, 2021).

Apesar de toda essa estrutura, estudos apontam desigualdades e desafios na prevenção do suicídio entre indígenas. E, no Amazonas, algumas pesquisas identificaram taxas bem elevadas em municípios com expressiva população indígena, como Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga (ORELLANA; BASTA; SOUZA, 2013; SOUZA; ORELLANA, 2013). Enquanto que, a subnotificação, as dificuldades de acesso aos serviços e a escassez de pesquisas aprofundadas podem limitar o conhecimento sobre a dimensão do problema e dificultar o planejamento de ações preventivas.

Além dos fatores relacionados às condições de vida e ao acesso aos serviços, é necessário compreender os significados locais atribuídos ao suicídio. Pois, as categorias biomédicas nem sempre correspondem integralmente às interpretações indígenas sobre morte, sofrimento e relações entre pessoas, coletividade e mundo espiritual. Nesse prisma, Souza e

[1] Graduada em Enfermagem na Escola de Enfermagem de Manaus da Universidade Federal do Amazonas – EEM-UFAM. E-mail: juliaandrade366@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

Ferreira (2014) destacam sobre a importância de investigar o fenômeno por perspectivas menos etnocêntricas, evitando interpretar experiências distintas, exclusivamente por conceitos externos às comunidades.

Diante desse cenário, o estudo teve como objetivo identificar, na literatura científica, as narrativas indígenas sobre o suicídio e relacioná-las aos aspectos culturais. A revisão também buscou sistematizar os principais debates encontrados, contribuindo assim, para uma compreensão que reconheça a natureza multifatorial do fenômeno e a importância de respostas de saúde pública culturalmente sensíveis.

O artigo está dividido em cinco partes, trazendo na primeira parte, as abordagens acerca do tema suicídio nos povos originários, enfatizando o que dizem as literaturas científicas, as narrativas indígenas, relacionando-as com seus aspectos culturais. Já na segunda, ressalta a forma como o estudo se comportou com o objeto estudado. Para a terceira parte, a pesquisa fez um encontro com os norteadores do estudo, onde buscou entender toda a leitura feita na base, funcionando como a espinha dorsal da pesquisa neste objeto. Após esse percurso, o estudo adentrou no resultado e discussão sobre todas as informações já coletadas e as referências estudadas no decorrer do projeto, para que assim, houvesse um determinado entendimento na temática estudada. E finalizou-se com algumas ponderações sobre as partes investigadas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa é de natureza Qualitativa e foi desenvolvido por meio de revisão integrativa da literatura. Esse método permite reunir e analisar resultados de pesquisas independentes sobre um tema, favorecendo a sistematização do conhecimento disponível (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O percurso metodológico seguiu seis etapas, assim evidenciadas: na primeira etapa foi feita a formulação da pergunta norteadora; na segunda parte, o estudo busca a amostragem de acordo com a literatura disponível ou que precisava buscar; já a terceira foi reservada para a coleta de dados; na quarta etapa houve necessidade de fazer uma análise crítica dos estudos incluídos; logo após à análise, na quinta parte, a pesquisa direcionou-se à discussão dos resultados; e, na última parte, ficou reservada para a apresentação da revisão integrativa.

Assim, a pergunta norteadora foi construída com apoio da estratégia PICO. A população estudada correspondeu aos povos indígenas. E, o indicador de interesse, foi a saúde indígena.

ISSN: 2358-8829

Não fora estabelecida uma comparação, por não se tratar de estudo comparativo. Diante disso, o desfecho considerado foi a ideação suicida. Para tanto, a questão orientadora investigou quais narrativas indígenas sobre suicídio, relacionadas aos aspectos culturais, são descritas nas publicações científicas.

Diante disso, foram realizadas buscas entre julho e agosto de 2022 nas bases da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). E, para tais buscas, foram considerados alguns artigos publicados entre 2012 e 2021, em português, inglês ou espanhol, com resumo e texto completo disponíveis. Utilizaram-se, neste estudo, descritores relacionados à cultura indígena, povos indígenas, saúde de populações indígenas, saúde mental em grupos étnicos e suicídio, combinados com os operadores booleanos AND e OR.

A pesquisa fez uma busca inicial, na qual identificou 114 artigos; após a filtragem por um certo período, duplicidade e leitura de títulos e resumos, apenas, cinco estudos foram selecionados para análise, pois, tal análise requer um olhar mais aguçado nas literaturas que estavam disponíveis.

Sendo assim, aceitou-se, diferentes categorias de publicação, incluindo artigos originais, revisões, reflexões, atualizações e relatos de experiência, desde que atendessem aos critérios de inclusão. Foram excluídos, os estudos que não correspondiam ao recorte estabelecido. E, os trabalhos, foram comparados e agrupados por similaridade de conteúdo, resultando em duas categorias: “Suicídio indígena: uma problemática crescente de saúde pública” e “Suicídio indígena: sob o olhar dos aspectos culturais”.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com o estudo, o suicídio estabelece uma questão muito complexa de saúde pública entre povos indígenas e sua compreensão exige considerar fatores sociais, históricos, políticos, econômicos, psicológicos e culturais. Por conseguinte, a diversidade dos povos originários brasileiros expressa em diferentes línguas, tradições, formas de organização social e cosmologias, impondo a necessidade de políticas públicas e práticas de saúde que respeitem as especificidades de cada comunidade. Sendo assim, as abordagens generalizantes podem muito obscurecer os sentidos atribuídos ao sofrimento, à morte e às relações comunitárias em diferentes contextos indígenas.

ISSN: 2358-8829

Diante do exposto, a saúde indígena deve ser compreendida, a partir da articulação entre direitos, território, organização social, diversidade cultural e acesso aos serviços básicos. No entanto, a política de saúde voltada aos povos indígenas pressupõe atenção diferenciada e participação comunitária, onde sua efetivação depende de serviços capazes de reconhecer as realidades locais e superar barreiras geográficas, institucionais e linguísticas.

Já a produção científica sobre o tema, também precisa ampliar a representação de diferentes povos, uma vez que, os resultados observados em uma comunidade não podem ser automaticamente generalizados para todas as demais. E, o que se percebeu neste estudo, foi uma grande ausência de literaturas que dialoguem com temas complexos para ampliar os referidos estudos.

No campo da saúde mental, as narrativas e os sentidos culturais são dimensões relevantes para a interpretação do sofrimento. Seguindo esse pensamento, Souza (2016), ao analisar as narrativas no Alto Rio Negro, contribui para demonstrar que as explicações indígenas sobre o suicídio podem envolver relações e significados que ultrapassam interpretações estritamente individuais. Souza e Ferreira (2014) também problematizam a utilização do conceito de suicídio em contextos indígenas, defendendo a investigação atenta às particularidades culturais e à possibilidade de interpretações etnocêntricas.

Consoante as abordagens nas narrativas, até aqui presentes no estudo, a literatura examinada apresenta o suicídio como fenômeno multifatorial, isto é, condições de saúde mental, conflitos e circunstâncias afetivas, relações sociais, condições econômicas, experiências pessoais e processos de transformação cultural, podendo interagir de maneiras diferentes. Por isso, as estratégias de prevenção devem combinar atenção integral à saúde mental, fortalecimento dos vínculos comunitários, escuta qualificada e participação dos próprios povos indígenas na definição de prioridades e respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos cinco estudos selecionados evidenciou dois eixos principais: o suicídio indígena como problema de saúde pública e os significados culturais atribuídos ao fenômeno. E, os artigos estudados, apresentaram diferentes objetivos e abordagens, incluindo a análise de narrativas no Alto Rio Negro, a discussão dos limites conceituais para investigar o suicídio em contextos indígenas, a caracterização da mortalidade em Roraima, a análise epidemiológica em municípios do Amazonas e o estudo de particularidades socioculturais entre os Sorowahá.

ISSN: 2358-8829

No eixo da saúde pública, os estudos indicam que o suicídio representa um desafio relevante, mas ainda insuficientemente investigado entre os povos indígenas. A literatura disponível concentra-se em determinadas etnias e localidades, o que limita a possibilidade de compreender a diversidade das experiências. A insuficiência de dados, somada à possibilidade de subnotificação e às dificuldades de acesso aos serviços, pode reduzir a visibilidade do problema e prejudicar a organização de ações preventivas (SOUZA; ORELLANA, 2013; SOUZA et al., 2017).

A leitura dos resultados reforça que os indicadores epidemiológicos são necessários, mas não suficientes. Já as taxas de mortalidade permitem dimensionar desigualdades e orientar a vigilância, porém precisam ser interpretadas em conjunto com as condições sociais, territoriais e culturais de cada comunidade. Outro ponto crucial do estudo é que, uma resposta exclusivamente centrada em dados biomédicos pode deixar de reconhecer fatores comunitários, históricos e simbólicos que influenciam as experiências de sofrimento e as formas de buscar ajuda.

Os artigos também apontam possíveis associações entre ideação suicida e fatores como transtornos mentais prévios, circunstâncias afetivas, relações sociais e condições econômicas. Esses elementos não devem ser entendidos como causas isoladas ou determinantes universais. Tal fenômeno emerge de combinações diversas, e a importância de cada fator pode variar conforme o contexto e a trajetória de cada pessoa e comunidade. Essa perspectiva evita reduzir o suicídio indígena a uma explicação única ou atribuí-lo de maneira simplista à cultura.

No segundo eixo, relativo aos aspectos culturais, os estudos ressaltam a importância de compreender as crenças, tradições e valores que organizam a experiência de cada povo. A pesquisa sobre narrativas no Alto Rio Negro mostra a relevância de ouvir os sentidos construídos localmente, em vez de impor interpretações externas. A discussão de Souza e Ferreira (2014) sobre o conceito de suicídio destaca, principalmente, que categorias consolidadas na biomedicina podem não abranger toda a complexidade das interpretações indígenas. O cuidado exige, portanto, um diálogo intercultural e reconhecimento da pluralidade de perspectivas.

Nessa mesma lógica, o estudo sobre os Sorowahá aborda particularidades culturais que demandam interpretação contextualizada. Pois, as informações descritas na literatura não devem ser convertidas em generalizações sobre todos os povos indígenas. Haja vista que, cada comunidade possui história, organização social, crenças e modos de compreender a vida e a morte próprios. E, a utilização de uma descrição cultural isolada, sem participação e contextualização adequadas, pode reforçar estereótipos e produzir leituras inadequadas. Sendo

ISSN: 2358-8829

assim, as pesquisas e as intervenções precisam priorizar uma escuta respeitosa, a colaboração com lideranças e a participação comunitária, porque os dois eixos são complementares.

Todavia, o reconhecimento do suicídio como problema de saúde pública, não exige apagar os significados culturais. Desse mesmo modo, ao considerar as especificidades culturais, não significa desconsiderar o sofrimento, as desigualdades ou a necessidade de prevenção. E, uma abordagem integrada, articula a vigilância epidemiológica, acesso oportuno à atenção psicossocial, formação de profissionais, continuidade do cuidado e estratégias construídas com as comunidades. Já para o âmbito do SUS e dos DSEI, essa integração pode favorecer ações mais adequadas às realidades territoriais.

A revisão também evidencia lacunas na produção científica. O número reduzido de estudos incluídos, o recorte temporal adotado e a concentração de pesquisas em algumas populações limitam o alcance das conclusões. Os resultados sintetizam a literatura encontrada nas bases consultadas e não representam necessariamente todas as experiências indígenas existentes no Brasil. Novas investigações, conduzidas com participação dos povos envolvidos e métodos culturalmente apropriados, são necessárias para aprofundar o conhecimento e apoiar políticas públicas mais efetivas.

Síntese dos estudos incluídos

O estudo “Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos”, de Souza (2016), analisou-se narrativas de um Kumu, entendido no artigo como curandeiro tradicional, em São Gabriel da Cachoeira. Sua contribuição para a revisão está na valorização das interpretações locais e na possibilidade de compreender o fenômeno a partir de sentidos construídos no interior da comunidade.

O trabalho “Jurupari se suicidou? notas para investigação do suicídio no contexto indígena”, de Souza e Ferreira (2014), problematizou as dificuldades de utilização do conceito de suicídio em contextos indígenas. Os autores defendem uma investigação menos etnocêntrica, o que exige atenção às diferenças entre categorias científicas e modos locais de interpretar acontecimentos, relações e experiências.

A pesquisa “Caracterização da mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas em Roraima, Brasil, 2009-2013”, de Souza e colaboradores (2017), teve como foco descrever características e taxas de mortalidade em grupos indígenas e não indígenas. Esse tipo de estudo contribui para identificar desigualdades epidemiológicas, embora seus resultados precisem ser

ISSN: 2358-8829

considerados em conjunto com as condições de registro, acesso à saúde e especificidades territoriais.

O artigo “Mortalidade por suicídio: um enfoque em municípios com alta proporção de população autodeclarada indígena no Estado do Amazonas, Brasil”, de Orellana, Basta e Souza (2013), analisou taxas de mortalidade e características demográficas e epidemiológicas no Amazonas. A inclusão desse estudo reforça a importância de olhar para o território e para a distribuição desigual dos eventos, sem perder de vista que os indicadores municipais não descrevem, por si só, os significados atribuídos pelas comunidades.

Por fim, “O fenômeno do suicídio na tribo Sorowahá: particularidades e generalidades”, de Moura e Reis (2019), abordou o fenômeno em uma comunidade específica do Amazonas, destacando a necessidade de interpretar suas particularidades culturais. A leitura desse trabalho demanda cautela para evitar que aspectos de uma comunidade sejam tomados como representativos de todos os povos indígenas. A contextualização cultural deve estar associada à escuta e à participação dos próprios sujeitos e comunidades.

Implicações para a organização do cuidado

Para os serviços de saúde, os resultados apontam a importância de construir fluxos de acolhimento e acompanhamento que considerem a distância geográfica, a disponibilidade de profissionais, as barreiras linguísticas e a articulação entre atenção básica, saúde mental e equipes dos DSEI. A prevenção não deve ser limitada a ações pontuais ou a encaminhamentos isolados; requer continuidade do cuidado, comunicação entre serviços e mecanismos de acompanhamento compatíveis com a realidade de cada território.

A formação dos profissionais constitui outro componente importante. A qualificação deve incluir competências de comunicação intercultural, reconhecimento dos determinantes sociais da saúde, escuta sem julgamento e diálogo com lideranças e práticas comunitárias. Isso não significa substituir os recursos clínicos necessários, mas ampliar a capacidade de oferecer cuidado respeitoso e adequado. A colaboração entre profissionais, pesquisadores e comunidades pode favorecer a identificação de necessidades e a construção de respostas legitimadas localmente.

No planejamento e na avaliação das políticas públicas, recomenda-se combinar dados epidemiológicos com informações qualitativas e participação social. Registros mais completos, pesquisas com maior diversidade de etnias e territórios e avaliação das estratégias

ISSN: 2358-8829

implementadas podem contribuir para identificar lacunas e orientar recursos. As ações precisam evitar a culpabilização individual ou cultural e reconhecer o papel das condições de vida, dos direitos territoriais, das redes de apoio e do acesso aos serviços na promoção da saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa identificou que as narrativas científicas sobre o suicídio indígena se organizam principalmente em torno de dois eixos: sua relevância como problema de saúde pública e a necessidade de compreender os aspectos culturais envolvidos. Os estudos analisados indicam que não existe uma causa única capaz de explicar o fenômeno. Fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, antropológicos e culturais podem até combinar de maneiras distintas em cada contexto.

A escassez de pesquisas e a possível subnotificação reforçam a necessidade de ampliar a produção de conhecimento e qualificar os sistemas de informação. Ao mesmo tempo, a prevenção requer serviços acessíveis e culturalmente sensíveis, com profissionais preparados para escutar as comunidades, reconhecer diferentes formas de interpretar o sofrimento e construir ações em conjunto com os povos indígenas. E o respeito à diversidade cultural deve caminhar ao lado da garantia de direitos e do acesso integral à saúde.

Entende-se, portanto, que as respostas efetivas dependem de abordagem multidisciplinar, articulação entre serviços de saúde e participação comunitária. E, recomenda-se o desenvolvimento de estudos que contemplem maior diversidade de povos e territórios, bem como estratégias de prevenção avaliadas em diálogo com as próprias comunidades. Pois, somente dessa forma será possível avançar na compreensão do fenômeno sem reduzi-lo a explicações simplistas e fortalecer ações de promoção da saúde mental e de proteção da vida.

Palavras-chave: Suicídio; Saúde de Populações Indígenas; Saúde Mental em Grupos Étnicos.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

FONSECA, A. L. **Entre o cultural e o patológico: análise psicossociocultural do suicídio em comunidades indígenas brasileiras**. 2020.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto & Contexto – Enfermagem, v. 17, p. 758-764, dez. 2008.

MOURA, J. F. **O fenômeno do suicídio na tribo Sorowahá: particularidades e generalidades**. 2019.

OLIVEIRA, C. S. de; LOTUFO NETO, F. **Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro.** Archives of Clinical Psychiatry, São Paulo, v. 30, p. 4-10, 2003.

ORELLANA, J. D. Y.; BASTA, P. C.; SOUZA, M. L. P. de. **Mortalidade por suicídio: um enfoque em municípios com alta proporção de população autodeclarada indígena no Estado do Amazonas, Brasil.** Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 16, p. 658-669, 2013.

PONTES, A. L. de M.; MACHADO, F. R. de S.; SANTOS, R. V. **Políticas antes da política de saúde indígena.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

SANTOS, M. M. dos; SOUZA, K. T. de. **Morte ritual: reflexões sobre o "suicídio" Suruwaha**. **Espaço Ameríndio**, v. 3, n. 1, 2009.

SOUZA, M. L. P. de. **Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos. Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 145-159, 2016.

SOUZA, M. L. P. de et al. **Caracterização da mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas em Roraima, Brasil, 2009-2013**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 26, n. 4, p. 887-893, 2017.

SOUZA, M. L. P. de. **Mortalidade por suicídio entre crianças indígenas no Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, v. 35, e00019219, 2019.

SOUZA, M. L. P. de; FERREIRA, L. **O. Jurupari se suicidou?: notas para investigação do suicídio no contexto indígena.** Saúde e Sociedade, v. 23, p. 1064-1076, 2014.

SOUZA, M. L. P. de; ORELLANA, J. D. Y. **Desigualdades na mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas no estado do Amazonas, Brasil. Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, p. 245-252, 2013.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SOUZA, R. S. B. de et al. **Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática**. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 44, e58, 2020.